

TRIBUNA Livre

19
OUTUBRO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR ANTONIO JOSÉ DA COSTA

CHEFE DA REDACÇÃO JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção; LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

Interesses de Entre-Homem e Cávado

I DIVISÃO JUDICIAL

Em todas as circunstâncias, as fronteiras naturais foram sempre as preferidas pelos povos para demarcação das suas terras, dos seus domínios, das suas nacionalidades, sendo disso flagrante e perfeito exemplo a velha divisão administrativa de Entre-Homem e Cávado, sonho que ainda não se desvaneceu entre nós, pelo menos relativamente à demarcação judicial, visto que sonho não é, por se basear na realidade palpável e na mais pura tradição histórica.

Questões políticas, despidas de sentido prático (a política, esta benquista arte de adminis-

trar os povos, é, por vezes, criminosamente deturpada pelos interesses particulares em detrimento do bem comum), amputaram a expressiva unidade interamense — ou simplesmente amarenses — que teve como únicas fronteiras os rios Homem e Cávado.

Este histórico reduto, que tanto contribuiu nos primórdios da nacionalidade para a consolidação de todo o domínio de Entre Minho e Douro e da própria estrutura nacional, foi, pela actual divisão judicial e administrativa, reduzido a um frangalho: amputado, dividido, talhado e retalhado até à mais

inexpressiva forma, que mais parece uma afronta ao belo conceito de unidade que lhe quiseram dar os seus antigos Senhores.

A única reminiscência dessa unidade, existe actualmente na área abrangida pela Conservatória do Registo Predial de Amares que escapou, por milagre, à persistente demolição do passado histórico, para com toda a sua eloquência nos mostrar a inconsistência de tudo quanto foi feito de ruinoso neste farrapo político que constitui a divisão judicial que nos rege.

Mas se não é cômoda para nós amarenses, a actual subordinação à comarca de Vila Verde, — que absurdo, que aborto político não é a situação das três freguesias de Valdozende, Rio Caldo e Vilar da Veiga!?

Para definir esta monstruosidade basta apontar que os habitantes destas freguesias têm de percorrer vários concelhos para intentar uma acção judicial.

O pleito será posto em Vieira do Minho; os documentos para instruir o processo, obtidos em Terras de Bouro, se extraídos no Cartório Notarial ou na Conservatória do Registo Civil; em Amares, se pertencem

(Continua na 4.ª página)

Quanto custa fazer uma obra

As pessoas menos ligadas às iniciativas não fazem por vezes a mais leve ideia de quanto custam as realizações, momentaneamente no nosso concelho, em que um ante-plano de urbanização funciona como causa de tantas dificuldades.

Mesmo quando se encontra a boa vontade de quem dirige, como no caso que vamos referir, ao fim só se chega depois de muitas canseiras e muito tempo.

Acompanhem-nos os leitores, especialmente os desta terra, na descrição que lhe vamos dar e nas que se hão-de seguir, de tempos a tempos, para tirar uma ideia de quanto custa uma obra mesmo quando ela não tem a oposição de qualquer lesado.

A Associação dos Bombeiros V. de Amares, atenta à circunstância do seu quartel não oferecer as condições indispensáveis para o seu fim e para sede oficial do organismo e ainda porque precisa de uma casa-oficina para ter alguns dos seus bombeiros juntos, resolveu comprar uma casa e quintal que separa o Largo do Doutor Oliveira Salazar da Lage e aí fazer abrir uma rua que teria uns 180 metros de comprimento e 14 de largura.

Do prédio que compra oferece ao interesse público, representado pelo seu Municí-

pio, o terreno que a rua vai ocupar e como recompensa pede o caminho que aquela substitui e um terreno baldio para edificar o seu novo quartel e casa-oficina. Nos terrenos sobrantes serão erguidos outros edifícios de iniciativa particular.

Num concelho em que nada se faz e que tantos dizem não se ter condições de fazer, esta obra é considerada muito grande e muito útil como estímulo.

A Associação entrou na fase das negociações que lhe pertenciam e quando viu que a realização, pelo seu lado, não oferecia dúvida, apresentou o caso ao sr. Presidente do Município que logo visitou o local, prontificando-se a fazer tudo que estivesse ao seu dispor para a realização da obra.

Feito o projecto e a petição, a Associação apresentou os documentos na Câmara no dia 8 de Outubro do corrente ano.

Começa aqui o calvário que a burocracia impõe às coisas e que a regra dos mortais não

(Continua na 6.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Em frente, formando pequena nave, a capela privativa de N. Senhora do Resgate, onde antigamente se celebravam as cerimónias da Semana Santa ou Semana-Maior. Tem rasgadas para o adro, duas pequenas frestas envidraçadas.

Ao fundo da igreja, perto do anteparo e com as cimeiras quase a tocar na grade do côro, o de N. Senhora de Fátima e, de frente, o de Santa Filomena. Estes foram adquiridos há pouco tempo e vieram do Convento da Visitação, em S. Miguel das Aves.

A pia do baptismo é de forma octogonal e bastante curiosa.

Na sacristia, sobre a grande «comoda» de guarda de paramentos, está um oratório muito antigo; a pia do crucifixo, é uma interessante miniatura de presépio esculpido em madeira, mas faltam-lhe as figuras, tendo dos lados, em pequenos nichos, duas imagens de madeira, igualmente antigas, a de S. to António e outra.

No cimo do alçado, duas figuras de anjo, em alto relêvo.

Tem várias cruces paroquiais, de metal e estilo vulgares.

Embutido na parede da sacristia, tem um lavabo artisticamente lavrado em bom granito, com carranca a deitar água pela boca sobre uma taça.

Estabeleceu finalmente a sua sédenesta igreja a histórica confraria de S. Pedro de Rates, que primeiro andou incorporada na paróquia de Carrzedo e depois, por conveniências e respeito que assim o pediram, passou à capela de N. Senhora da Guia, da Casa da Tapada.

Reservada só a eclesiásticos, esta irmandade foi instituída com o fim de socorrerem-se os irmãos uns aos outros nos apertos da morte.

Não se sabe ao certo em que ano foi criada, mas presume-se por tradição, conforme referem os estatutos, que seria por volta de 1552, data em que foram trasladadas para a Sé de Braga as preciosas relíquias do seu primeiro prelado e pastor, o glorioso mártir S. Pedro de Rates, que os primeiros fundadores tomaram por patrono e pedra fundamental da mesma.

Outros consideraram-na ainda mais antiga; e o que é certo é que, com tão acertados princípios, a sociedade

(Continua na 6.ª página)

DE VILA VERDE

Obras em Perspectiva

Pelo DR. MIGUEL DA CUNHA

No plano de obras do concelho de Vila Verde para 1958, constam, no que respeita à sede do mesmo, as seguintes: construção de casas para os magistrados judiciais; modificação do pavimento das ruas da vila e respectivos esgotos das chuvas e parte do saneamento; construção de sentinas públicas encimadas por um coreto; e continuação do caminho do Reguengo. O mesmo plano abrange, além do mais, a construção da ponte sobre o Rio Homem para a continuação da estrada de Vila Verde às Neves (concelho de Amares) e a ampliação da rede eléctrica a diferentes freguesias do concelho e a reparação, em grande escala, da rede já existente. Ignoro se, como beneficiária destas últimas obras, está ou não considerada a freguesia de Vila Verde e ainda se o local da futura ponte

pertence a esta freguesia ou à da Loureira. Mas isso nada interessa visto a construção da ponte e do resto da estrada ter excepcional importância, não só para a sede do concelho e para Amares, mas também para as freguesias das suas proximidades.

Dado o grande interesse de todas as obras incluídas no plano, não é fácil, no que respeita a Vila Verde, emitir opinião baseada em fundamentos decisivos, sobre qual delas deve ter prioridade. Talvez, de momento, se afigurem como mais urgentes, as relativas a comunicações.

Ninguém ignora que o elemento indispensável à existência de uma povoação é a água e que o factor essencial ao seu desenvolvimento é o das comunicações, sem

(Continua na 6.ª página)

Foi nomeado

JUIZ CONSELHEIRO do Supremo Tribunal Administrativo

o sr. Dr. António Abranches

O sr. Dr. António Abranches que à magistratura judicial tem dado o melhor do seu esforço, animado por uma inteligência superiormente esclarecida, acaba de ser nomeado Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal Administrativo.

Nada melhor para demonstrar as suas altas qualidades do que a escolha que acaba de ser feita e que só por si nos retrata o magistrado íntegro, em que o moral e o intelectual se casam admiravelmente.

Registamos com o maior júbilo o triunfo profissional do distinto homem público que vem exercendo o cargo de Governador Civil com o maior apuro e isenção e com um superior espírito de justiça.

A posse do referido cargo verificou-se na passada sexta-feira, no Supremo Tribunal Administrativo, sob a presidência do Conselheiro Dr. Albino dos Reis.

Daqui felicitamos vivamente o sr. Dr. António Abranches pela alta distinção da escolha e exprimimos os votos muito sinceros das maiores felicidades no cargo em que foi empossado.

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

Problemas

da mentalidade

COM este título, foi recentemente publicado um livro com 72 páginas, pequeno no volume mas grande na substância que encerra e que estabelece doutrina sobre o sugestivo tema da profilaxia mental.

Divide o autor o seu trabalho em duas partes principais, esquematizando primeiro o problema da mentalidade em

termos genéricos, para depois se referir detalhadamente ao que chama «características da mentalidade conservadora ou estática entre nós».

Recorda que nascemos na idade da electricidade, da máquina e do automóvel e encontramos já em plena era atômica, cientes da sua força e do seu perigo.

Aproveitando os seus conhe-

cimentos universitários, o illustre autor Victor de Sá, discorre admiravelmente sobre a conexão entre o desenvolvimento técnico e o progresso científico e a influência destes nos sistemas filosóficos, assentando: «No século das matemáticas e da mecânica, foi Descartes que revolucionou o pensamento, salvando a filosofia do impasse em que o progresso da ciência a deixara prostrada. E Kant não pode ser compreendido sem Newton.

O grande filósofo de Königsberg está na confluência das três grandes correntes ideológicas que marcam imperecivelmente o século XVIII: o racionalismo de Leibniz, o empirismo de Hume e a ciência po-

(Continua na 4.ª página)

Sá de Miranda

«A Egipciaca Santa Maria»

(Continuação)



E como as almas conquista um perfeito parecer, esta guerra tão prevista de todos se deixa ver pera ser de todos vista. A todos quantos a vêm se deixa ver em geral, porem na molher de bem parecerá muito mal folgar de parecer bem.

Não lhe faltava prudência pera fazer o que convinha, e não pecca de inocencia, porque o maior mal que tinha era não ter obediência. Vendo o pai que o Céu lhe dera a filha que nasceu, lamentando ao mesmo céo que antes nunca lhe nascera

A mãe vendo apaixonado seu companheiro e amigo, pesa-lhe não haver dado a filha aspero castigo, por não se haver emendado. Com grave melancolia, andava a triste molher, temendo se o pai souber o que a filha encobria que chegaria a dizer.

O pai soffrido e sisudo sente muito e não diz nada, a mãe como era culpada que da filha foi escudo, deseja vê-la afogada.

A filha, que o fundamento era de todo este mal, dá sinais de sentimento, mas o sentimento é tal qual era o procedimento.

Eram os princípios já tais por natureza e costume que socêgo é por demais, e louvando-se consume e só se consume mais.

De nenhuma calidade tem socego ou sujeição, mas busca com liberdade pera ter conversação meninos da sua idade.

Porém, meninas como ela que criaram com mais tento cada uma em seu aposento, diziam mil males della, por não ter recolhimento. Já se murmura na praça, a graça e desenvoltura, e se em praça se murmura, mais nie parece desgraça que graça nem fermosura.

Sahia só pera ver e achava mil pretendentes; e dizem por entre dentes que se a menina viver será confusão das gentes.

Outros que murmuram mais se a fermosura louvavam, muita culpa aos pais davam que eram innocentes pais que filha tão mal criavam.

Outros dizem que a mãe era só n'isto a culpada que o pai não sabia nada; que quando o soubera o pai que fora melhor criada,

Outros, que não pode ser e que era grande descuido, tal filha não recolher, que quem a deixa assim ser não deve de ser sesudo.

Na honra deste varão desta dona e desta filha, em qualquer conversação, ajuntamento ou quadrilha passam a sésta e o serão.

O que for pastor de ovelhas deste modo racionais, feche-as bem em seus currais; depois não torça as orelhas se permitir casos tais.

E a que for pastora ande vigilante na doutrina que melhor é porque abrande, que chore ella em pequenina que chorades vós em grande.

Não vos digo que o favor a vosso filho não deis, que é filho, seja o que for, mas em rigor não podeis deixar de mostrar rigor.

Sá de Miranda — Poesias

Quando canta o coração
É porque vibram então
Todas as cordas que estão
Na lira do trovador;
Cordas que são afinadas
Pelas brancas mãos de fadas
Ao raiar das madrugadas,
Nas tardes quase apagadas,
Nas noites cheias d'horror.

AURORAS

Quando apenas balbucia
Canta como a cotovia,
N'uma estranha melodia,
Um hino cheio de ardor.
E embora com olhos braços
E da mãe inda nos braços,
Já prevê, nestes espaços,
Aquêles eternos laços
Com que nos prende o Amor.

Nas tardes ao pôr do sol
Canta, como o rouxinol,
Quando vê no arrebol
Todas as côres desmaiadas;
Imerso em mágoas agora,
Do que é e foi outrora,
Dessa longínqua aurora,
É a saudade que chora
Nas cordas desafinadas.

U E R B A

Mas chega a noite e com ela
A escuridão da procela
Põe-lhe em farrapos a vela
Do seu veleiro audaz.
Então é triste o seu canto,
Pio de mocho em recanto
D'uma cruz no Campo Santo,
Porque se quebrou o encanto
Que o seduzia em rapaz.

São assim estes meus versos,
Ora bons ora perversos,
Átomos d'alma dispersos
P'las veias do coração;
Uns, talvez fossem nascidos
Ao som d'infantis gemidos,
Os outros foram sentidos
Em instantes doloridos
Da mais cruel decepção.

E POENTES

LITERATURA INFANTIL RECOMENDADA

Para crianças até 8 anos são de recomendar os seguintes livros:

«O Pintainho toleirão», «Proezas do matreirinho», «A gata borralheira», «Capuchinho Vermelho» e «Viagens de Be-a-Bá no país da sabedoria», todos da colecção Majora e ainda, «Meu A B C», de Erico Veríssimo, «Animais nossos amigos», de Lopes Vieira, «O Presépio», de Severo Portela» e «O Lobo feroz e os três porquinhos», de Walter Disney e ainda «A Bíblia da Infância» e «A Liturgia explicada às crianças», do Cónego José Cardoso de Almeida.

É até aos 10 ou 11 anos é acertada a escolha de «Os Lusíadas». «Viriato Trágico», «Caramuru», «Odisseia», de João de Barros; «O Feiticeiro da Cabana Azul» e «Historiazinha de Portugal», de Adolfo Simões Muller; «Tony», de Romeu Pimenta; «O Bosque encantado», «O Avarento e o Diabo». «As três chaves de prata» e «O Conselheiro Sultão», de Juan Llarch; «Historia Maravilhosa de D. Afonso Henriques» e «Conquista de

Lisboa aos Mouros», (edição Romano Torres) e «Lendas de Portugal», por Emília Sousa Costa e também a «Bíblia das Escolas».

Desta idade em diante as crianças poderão ler livros como estes:

«Céu aberto», «Pela Terra e Pelo Ar» e «Em Pleno Azul», de Vergínia de Castro e Almeida; «História Alegre de Portugal», de Pinheiro Chagas, «Divina Comédia», (adaptação) de Marques Braga e «Crónica do Condestável», de Jaime Cortesão.

O novo material plástico com a dureza do metal

Brevemente, nos Estados Unidos serão postos à venda inúmeros objectos de utilidade e decorativos. São fabricados com um novo material plástico colorido com a dureza e a duração do metal. O material base, denominado «Lexan», foi descoberto pela General Electro Company durante o processo de investigação e

(Continua na 4.ª pág.)

TRIBUNA do CONCELHO

Melhoramentos locais

A pavimentação do Largo dos Bombeiros está feita o que tornou aquele lugar muito interessante.

Consta-nos que na Direcção de Urbanização há um saldo da comparticipação e que estariam prontos a ajudar a pavimentação do caminho que dá para a residência paroquial desde que a Câmara o requeira e pague a sua parte.

Estamos convencidos que o Ex.mo Presidente da Câmara, sendo-lhe chamada a atenção para o assunto, não deixará de dar a sua concordância para que a ocasião se não perca, tanto mais que o espaço é pequeno.

Concurso de Futebol «Leões da Modelar»

Após a 5.ª jornada do Nacional da I Divisão, a classificação dos nossos concorrentes ficou assim ordenada:

1.º António Martins	77 P.
2.º Manuel Janela	82 »
3.º João Alberto Gonçalves	84 »
4.º José Antunes da Silva	87 »
5.º José Barbosa de Macedo	87 »
6.º Paulo R. B. de Macedo	88 »
7.º Manuel M. Fernandes	89 »
8.º Abel do Silva Dias	90 »
9.º Francisco Ferreira	91 »
10.º Manuel Antunes da Silva	92 »

Continua a despertar o maior interesse este nosso concurso e a prova é que ainda esta semana entraram mais concorrentes.

As permutas de lugares s. devendo às constantes surpresas que de jornada a jornada nos apresentam, é a expectativa e o interesse de todos os concorrentes.

Nesta jornada temos a salientar o concorrente Francisco Ferreira que conseguiu apenas perder 9 pontos classificando-se, assim, em 9.º lugar.

Nos restantes devemos notar o bom acerto do primeiro concorrente que apesar de na semana anterior ter perdido, em relação ao segundo, 6 pontos, já esta semana conseguiu ganhar um ponto.

O quarto e quinto classificados, não tiveram subida brilhante nem espectacular, mas sorrateiramente foram-se infiltrando nos postos cimeiros.

Esperemos o desenrolar da próxima jornada.

Pela agricultura

Terminaram as vindimas e estão a terminar as colheitas do milho.

O ano quanto a vinho é péssimo. Em regra anda por metade do ano passado.

Injúrias

Por injuriar a G. N. R. foi preso Joaquim Vieira, casado, agricultor, de Lago, e foi solto imediatamente por ter prestado termo de identidade, dando o respectivo processo entrado no tribunal.

Cabaças... que desaparecem

Queixou-se na G. N. R. Américo Soares Antunes, casado, de Vilela, contra Manuel Augusto Bastos e Marciel de Bastos, menores, filhos de José António Bastos, da mesma freguesia, arguindo-os de lhe terem furtado duas cabaças.

Pelo Tribunal

Julgamentos da última semana

Efectuados pelo Meretíssimo Juiz do Julgado, realizaram-se os seguintes julgamentos:

Transgressor, António Dias Paredes, de Ferreiros, absolvido das 7 transgressões de que era acusado.

—Joaquim Martins de Abreu, de Amares, absolvido da transgressão do art. 42 do decreto 39.672, (Código da Estrada).

—Albino da Silva Pereira, solteiro, de Prozel, condenado por transgressão ao art. 54 do Código da Estrada.

—Américo da Silva Ferreira, da Lage, Vila Verde, condenado por transgressão ao Código da Estrada.

—Alberto Carlos Pinheiro, de Rendufe, condenado por transgressão a determinação da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes.

—Manuel da Cunha, de Palmeira, Braga, absolvido de transgressão ao Código da Estrada.

Novos assinantes

Junto de nós esteve o Sr. António Maria Pereira da freguesia de Geraz, do concelho da Póvoa de Lanhoso, a pedir a sua inscrição como novo assinante.

Com todo o prazer fizemos a respectiva inscrição e esperamos, como nos disse, que nos consiga novos assinantes. Gratos. * * *

Tivemos o prazer de inscrever como novos assinantes os nossos conterrâneos Srs. João Joaquim da Rocha e Victorino Joaquim da Rocha, ambos naturais da vizinha freguesia de Proselo e presentemente a residir em Lisboa.

Como pediram, já lhe enviamos o número anterior do nosso jornal.

Reconhecidos pela deferência. * * *

Do nosso conterrâneo e particular amigo José António Ramos de Azevedo, actualmente no Rio de Janeiro, recebemos a indicação do Sr. José António Rodrigues, natural da freguesia de Carracedo e também actualmente no Rio de Janeiro, para novo assinante.

Gratos pela sua gentileza.

Gente Nova

No passado dia 13 do corrente, deu à luz uma robusta criança do sexo feminino a Snra. D. Belmira Araújo Silva Macedo esposa do nosso chefe da Redacção e chefe da Secretaria Judicial deste concelho.

Mãe e filha encontram-se bem.

Parabens.

Vida elegante

Aniversários

Segunda-feira — O menino Fernando Lucílio da Costa e o Sr. Artur de Freitas.

Quinta-feira — O Sr. Fernando José Pinheiro.

Sábado — A gentil menina Maria Alice Macedo Martins e o Sr. João da Rocha Barbosa.

NECROLOGIA

Falecimentos

Na freguesia de Figueiredo — O Sr. Joaquim da Silva, com 81 anos de idade;

Na freguesia de Bouro — As Sras. Custódia Maria Gomes, com 71 anos de idade e Maria da Glória da Silva, com 72 anos de idade;

Na freguesia de Fiscal — A Sra. Maria de Jesus Tinoco Pereira, com 77 anos de idade;

Na freguesia de Proselo — A Sra. Ana Ferreira Barroso, com 69 anos de idade.

CASA DO POVO DE AMARES

ANÚNCIO

D A

Empreitada da Construção do Edifício-Sede da Casa do Povo de Amares

Às 15 horas do dia 31 de Outubro — realizar-se-á na sede da Casa do Povo de Amares o concurso Público para a adjudicação dos trabalhos que constituem a empreitada supracitada.

Base de licitação... 269.866\$67
Depósito provisório... 6.500\$00

O depósito definitivo será de 5% do valor da adjudicação.

O depósito provisório será efectuado na Caixa Geral D. C. Previdência, mediante guia passada pela Casa do Povo.

O projecto e mais documentos estão patentes todos os dias uteis durante as horas de expediente na sede da Casa do Povo e na Direcção de Urbanização do Distrito de Braga.

Casa do Povo de Amares, 14 de Outubro de 1957.

O Presidente da Direcção,

Adelino José Pinheiro

LAGO

Com 80 anos de idade, faleceu, na 5.ª feira, no lugar da Telheira, a sr.a Rufina Rosa Vieira, viúva. Era irmã do sr. Domingos José Vieira, industrial, e tia do assinante do nosso jornal sr. Alvaro Soares Vieira, comerciante em Manaus-Brasil, a quem apresentamos condolências.

—Faleceu também, no lugar de Entre-Pontes a sr.a Glória Borges.

J. P.

DE CALDELAS

CALDELAS, 8 — Após uns dias de estadia entre nós, regressou a Lisboa, o antigo Subsecretário da Assistência, dr. Ribeiro Queiroz.

—Inesperadamente, tivemos o grande prazer de receber a visita do alto dignitário do Vaticano Rev.mo D. José da Costa Nunes, Patriarca e Vice-Camerlengo da Santa Sé. Sua Ex.a Rev.ma apesar do pouco tempo que dispunha não deixou de nos fazer uma rápida visita.

—A trovoadas que atravessou esta região, foi violenta, tendo uma fâsca, em Sequeiros, caído perto duma casa de habitação produzindo grande pânico e fulminou uma ovelha.

—A reabertura da caça foi muito concorrida de caçadores, mas dada a escassez de perdizes e coelhos têm sido pouco felizes.

—As vindimas chegaram ao seu termo. A colheita é no geral muito reduzida. — C.

Caires

Jubilosa Festa

Há dias realizou-se na Igreja Matriz desta laboriosa e extensa freguesia, uma solene festividade em honra do SS.mo Sacramento — tudo a expensas do benquista proprietário local o Senhor José Joaquim Coelho, pois já há vários anos, que ele desejava fazer esta festa — mas que a doença o não deixava.

Na véspera, o confesso dos adultos e sobretudo das crianças, foi muito concorrido. 'A noite, houve a Hora Santa no Trono belamente ornamentado. No domingo de manhã a comunhão foi numerosa; foram à primeira comunhão muitos meninos e meninas e algumas crianças mais crescidas fizeram a sua comunhão solene. Neste acto soleníssimo distinguiram-se as meninas Maria de Fátima Lage Coelho, a sua irmãzinha Leopoldina Rosa Silva Lage Coelho, Maria Luzia Pinto da Silva Macedo, Aurora Rosa Arantes Pereira, Olivia Pala da Silva, Felismina Pinheiro Ferreira, e os meninos Joaquim Nuno Malheiro de Araújo e Arménio La-

ge da Silva, que, de manhã e de tarde, fizeram belos discursos e recitaram, de cor, lindas poesias que fizeram arrancar de numerosa assistência, copiosas lágrimas de verdadeira comoção. A missa solene foi belamente abrilhantada pelo côro da ajamada Banda de Bouro, que, nos intervalos, durante o dia, fez ouvir os seus melhores trechos musicais. A pregação foi confiada ao Rev. Padre Francisco Marques, zeloso Abade, de Ferreiros-Braga, que no final da festa fez uma tocante alocução às criancinhas na ocasião em que todas elas se consagraram a Nossa Senhora, correndo tudo muito bem e sem a minima nota discordante.

Todos os altares, a capricho, estavam um primor, a contento de todos, mercê das nossas briosas zeladoras.

Foi esplendorosa a procissão até ao Paço-Velho, sobressaindo-se o côro das meninas vestidas de branco e de todas as crianças de catequese, da Cruzada e da Santa Infância.

Foi um dia bem passado em honra de Nosso Senhor Sacramento.

Parabens à Família «Coelho» e a toda a freguesia. Souberam cumprir. — C.

HUMORISMO

Cauteloso...

Um londrino, em viagem para Edimburgo, ia no trem ao lado de um escocês idoso, de aspecto carrancudo. Na primeira parada o escocês precipitou-se para a estação, correu pela plataforma e tornou a embarcar, ofegante. Repetindo-se isto nas duas paradas seguintes, o londrino afinal não pode mais, e perguntou ao companheiro porque agia daquela maneira.

—Bem, é que foi a Londres para consultar um especialista, pois o meu coração anda meio fraco. Ele me disse que o caso era grave, que se eu não tiver cuidado posso morrer duma hora para a outra; por isso vou comprando a passagem de estação em estação...

Irremediável

—Fernandinho, não corras tão depressa à volta da casa. Podes cair e magoar-te.

—Se não correr, magoou-me na mesma: O Zeca anda atrás de mim para me bater.

Despreocupação

—Que farias se o médico não te desse mais de cinco anos de vida?

Aceitava-os.

RECORTES

Secção de ODECAM

O homem e o boi

Se o touro tem à frente a farta mangedoura,
Muge contente, come, e deita-se tranquilo!
E quando a lua passa e lá do alto o doura,
Julga-se um Rei Senhor num trono em táureo estilo!

Se o campo é verdejante e há um canto na lavcura,
No seu mugir diz tudo a quem quiser ouvi-lo!
A cauda majestosa e reluzente e loura
Bate a mosca teimosa e audaz que quer feri-lo.

E mansamente vai filosofando a sorte,
Olhando a terra, o céu e a cêrca do terreiro,
Sem perceber que o dono vai entregar à morte!

Assim também, ó tu, ó escravo do dinheiro,
Passas bem, comes bem, sorris, julgas-te forte,
E passas num momento às garras do cozeiro!

Curitiba, Maio, 1931.

Ferreira Loal

Problemas da mentalidade

(Continuação da 1.ª página)

sitiva físico-matemática que Newton acaba de estabelecer».

Analiza criteriosamente o problema da mentalidade derivado das forças que originam o progresso, contraditadas pelos costumes, pelas ideias conservadoras, pelo apego à tradição.

Esta diferença de mentalidade provoca as reacções que geram a revolução.

Segundo o autor a pedagogia compete o nivelamento da mentalidade. «Abriram-se para isso milhares escolas no século das luzes, para que a absorção do pensamento de vanguarda mais rapidamente se realizasse».

Indica a diferença existente entre a psicologia social dos pequenos aglomerados, presos à tradição e à rotina, em comparação com a psicologia das cidades, onde se formam as mentalidades modernas.

Aponta a pequena mentalidade, fixa, estática, conservadora, resistente às invenções e às ideias progressivas, como um fenómeno sociológico que está por analisar em Portugal.

Esclarece que «há no processo social uma dialética de mentalidade, que assenta em condições económicas, geográficas, culturais e políticas. Uma sociedade que não vive esta dialética é uma sociedade senil, atrofiada, decadente, adormecida».

Detem-se da apreciação da influência da Igreja e dos vários sistemas políticos na mentalidade portuguesa, para depois entrar na análise da nossa situação «perante o importante problema da Comunidade Europeia — com mercado comum — sem barreiras alfandegárias — e com liberdade de trânsito das pessoas nos diversos países da comunidade. — É um projecto que nos põe despidos na praça pública do internacionalismo».

Põe finalmente em relevo, para solução do atrazo mental em que nos encontramos, «uma revisão dos nossos valores culturais e uma revisão também

da eficiência dos nossos organismos de cultura».

E salienta o valor das bibliotecas e declara que «o livro é o nervo e a veia do pensamento colectivo».

É a memória colectiva, que permite às gerações que chegam assinalar a herança das gerações que passam. «É através dos livros que se estabelece o diálogo universal dos homens».

E termina por dizer «que o papel das bibliotecas na sanidade mental que urge promover, é um papel fundamental, dada a resistência do pensamento retrógrado entre nós».

Apresenta, por último, três artigos com as seguintes epígrafes: Vencidos da Vida — Circulo Vicioso — Os Editores Portugueses em representação internacional — Os intelectuais à prova.

Este livro lê-se com muito agrado e proporcionou-nos óptima disposição de espirito ao folhear as suas páginas, cheias de interesse cultural.

Felicitemos o dr. Victor de Sá, por mais este seu livro.

EME

Graças de Santa Filomena

(Continuação da 5.ª página)

Arquiconfraria as suas duas queridas irmãs Custódia e Almerinda, do lugar do Carvalho, da mesma freguesia.

Quem quiser inscrever-se na Arquiconfraria, mais uma vez se recomenda se dirijam ao Secretário Rev. P. e Calisto Vieira — ou à Tesoureira-mór Senhora D. Rosa Maria Veloso Ribeiro, do Largo Doutor Oliveira Salazar, desta Vila.

INTERESSES

de Entre-Homem e Cávado

(Continuação da 1.ª página)

cem à competência da Conservatória do Registo Predial.

Os papeis de casamento canónico correm pelo Arciprestado de Amares e são transcritos no Registo Civil de Terras de Bouro.

Toda esta aberração, apesar de as deslocações serem muito mais cómodas para Amares, a sua sede natural, que lhes foi arrebatada numa maré de alucinação, para que se não encontra explicação alguma, mesmo que a busquemos nas mais remotas raízes históricas, éticas e étnicas, ou do simples bom senso.

Obrigar estes povos a percorrer distâncias enormes em busca de documentos que poderiam obter em Amares, repetimos, — sua sede natural, — é uma incongruência que mexe com os nervos desta gente geresiava (terra de todos e de ninguém!), que nos abala a razão e que urge remediar dentro daquele espírito de justiça que orna as atitudes do Estado Novo, mas cuja solução tem demorado demasiadamente, apesar de conhecidas estas razões nas altas esferas governativas.

Note-se que a única entidade que adoptou um prudente termo médio em face das actuais circunstâncias e resolveu para si, muito equitativamente, a questão, sem se importar da divisão administrativa e do embroglio provocado pela divisão judicial, foi a Igreja, que, ciosa como é da tradição e sabedora do que a comodidade dos povos representa, mãe espiritual e quantas vezes mãe temporal, senhora dos mais íntimos segredos das pessoas e das coisas, portadora do bom senso, — apesar de todas as retaliações a que assistiu, continuou a abranger na divisão eclesiástica do arciprestado de Amares,

as citadas três freguesias mutiladas.

Impõe-se remediar esta situação caótica, única no País, a que estão sujeitos estes desprotegidos povos, tornados errantes, de concelho em concelho — por disposição de lei! — com manifesto depreso da sua comodidade.

A comarca de Entre-Homem e Cávado seria a demarcação judicial acertada, aquela que impõe a comodidade dos povos que habitam toda esta bela região minhota, acima de todos as circunstâncias, que se tornam mesquinhas em comparação com a grandeza do feito; medida tão natural e límpida como a água que brota das suas fontes e alimenta os dois rios para tornar mais robustas estas suas fronteiras naturais; realidade tão nua como a verdade que encerra e que surge a todo o momento, apesar de contrariada pelas razões políticas inconsistentes que geraram o erro, a que a lei não pode dar naturalidade.

O Ilustre Autor da Monografia refere-se ao problema que aqui apontamos, nestes termos:

«Com o de Terras de Bouro, o concelho de Amares já foi uma comarca independente e essa seria a sua mais justa e adequada satisfação, atenta a circunstância de um todo uno, limitado por barreiras naturais que o conformam e ter herdado as fundas tradições de uma cabeça administrativa, cuja hegemonia se situa para lá dos primórdios da Nacionalidade. Apresente situação a mesma coisa é que sujeitar na propecta idade, ao filho o pai, o que equivale a viver sem a merecida honra».

É nestes termos que queremos situar a questão melindrosa

O novo material plástico

(Continuação da 2.ª página)

aperfeiçoamento dum material isolante para fins eléctricos. O «Lexan», que pode ser usado no fabrico de fitas, vernizes, películas protectoras e objectos moldados, pode ser fabricado transparente ou opaco colorido.

No futuro, o «Lexan» será usado no fabrico de artigos para uso doméstico, mobiliário, acessórios para telefones e muitos artigos industriais.

que reivindica para Amares a sede da futura comarca de Entre-Homem e Cávado, a qual, mais tarde ou mais cedo deverá ter lugar pela extinção do actual julgado municipal que, com os seus congéneres, estão condenados ao desaparecimento devido às sérias razões que militam a favor da sua extinção e que foram largamente referenciadas num substancial artigo trazido às colunas deste semanário, em 25 de Maio último, pela pena do seu Chefe de Redacção, que acumula, com estas, as funções de Chefe da Secretaria Judicial do nosso Julgado e por isso mesmo conhece e vive os problemas que apresentou.

Não queremos repetir aqui a argumentação incisiva daquele artigo, por isso se nos afiguram supérfluo, mas pretendemos apenas desde já chamar a atenção para o vácuo que criaria a simples extinção do julgado sem lhe contrapor o eficaz remédio da restauração da antiga comarca de Entre-Homem e Cávado, exatamente com esta denominação histórica e com a área «interâmica» correspondente.

Mas pelear simplesmente pela unidade geográfica não seria suficientemente aceitável como realidade económica ou como razão histórica; porém, aqui, tudo se conjuga para fortalecer a desejada unidade comarcã.

O actual concelho de Amares que, só por si, tem movimento judicial capaz de sustentar uma boa comarca, abrangendo esta toda a área de Entre-Homem e Cávado, ficaria em condições invejáveis.

Obter-se-ia, portanto, com a restauração da antiga comarca, uma unidade perfeita, modelo acabado de equidade, excelente medida de justiça para com este povo que tantos serviços prestou à Pátria e que, certamente, por falta de estudo atento dos seus problemas e da sua história, foi vítima do intolerável estado de coisas em que se encontra e que se torna imperioso remediar.

EME

Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 BRAGA

Agência Funerária

DE

Manuel da Cunha

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como:

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruzeiros e todos os serviços deste género.

Sempre grande depósito de luxuosas urnas.

No seu próprio interesse consulte esta casa em Coucieiro—Vila Verde ou em Fiscal—Amares

Assinai e propagai
A
«Tribuna Livre»

Bilhetes - Cartas de Angola

VII

Estremecido Pedro Lucas:

O problema que te deixei no meu último bilhete-carta era transcendental. Só um homem cónscio e consciencioso como tu o poderia resolver cabalmente. A coerência das obras em ordem ao Fim não é outra coisa senão a verdade na vida, respondeste bem.

Mas agora mesmo me ocorreu este pensamento: — Não te parece que os meus padrinhos de baptismo erraram o meu nome? — Em vez de Gonzaga deviam antes chamar-me TEÓFILO. E sabes porquê? — É que, Teófilo quer dizer amigo de Deus. E, como de quando em vez estes postais metem sermão que cheira a sacristia, esse nome ficar-me-ia mesmo a matar.

Fui, desde pequeno, habituado a ajudar à missa, ouvi muitas pregações, e, agora, uma vez por outra, lá fujo para o «latim»... Não sabes que «o que o berço dá a tumba o leva»? É o meu fraco, tem paciência.

Pois, eu lá continuei redido na tal pensão da Figueira até à partida do barco. Como me não havia sido imposta tarefa alguma, numa das horas de lazer entreguei-me ao desporto de contar, da janela do meu quarto, os carros que estacionavam nessa praça. Eram à volta de 150. Então pus-me a recitar: — Se todas as pra-

ças de Lisboa — e quantas haverá? — albergassem trezentos, de quantos carros seria possuidora a cidade do castelo de São Jorge?

Porém, como pesava sobre mim a obrigação séria e difícil de conseguir passagem para um outro amigo, o Silva, pus de parte, apressadamente, este problema e fui tratar do seu embarque. Consegui-lhe o almejado bilhete, telefonei-lhe, e ele veio a correr, no primeiro comboio.

Fui esperá-lo. Vinha bem disposto, e até «parecia gente grande», mas, trazia a nossa aldeia, com todo o seu colorido e beleza, toda inteira, dentro do seu coração conjuntamente com todos os seus, e, talvez por isso, logo que me aproximei, atirou-me à queima-roupa, com esta:

Lisboa, por ser Lisboa
E por ser a capital
Não é como a minha terra
A mais linda em Portugal.

Era a voz do berço e do sangue que falavam nele e, portanto, irreprimíveis. Que lhe havia de objectar?...

Responde-lhe tu, porque eu não posso; também tenho coração... embora haja quem afirme o contrário.

Não me esqueço dos teus a quem saúdo, e para ti o fraternal e amistoso abraço.

Boa-Fé, 13 de Outubro de 1957.

Gonzaga da Cruz

Album de coisas várias

Não sei porque jeito ou mania, porque raciocínio torto ou porque lógica precoce de filósofo barato, habituei-me, desde infantil data (quando, como e porquê?) a ver o homem como um elemento de vida incapaz de maldade, e tinha-o e presentia-o como uma carícia de arte pura. Eu julgo hoje, ao dar balanço aos meus pensamentos de antanho e ao manusear e ler sebatas onde a brincar, como que desenhando flores, eu registava ideias e deduções de arresgada inquietação espiritual, que esse apontamento sobre o bicho-homem — e não há dúvida nenhuma que era um bonito apontamento! — teve a sua causa no facto, talvez, dos amigos que se me depararam nas vertentes arenosas e mivedicas da Amizade — eterno antelóquio do Amor. Ou ainda, talvez, porque os encontros de então não me incomodavam e nem sequer me feriam a pele pela razão elementar de eu desconhecer, em absoluto, a técnica do encontro...

Mais tarde eu viria a compreender que o homem, carícia de arte pura como eu o via e julgava, não passava dum grandecíssima treta da minha própria consciência. O meu primeiro erro e a minha primeira ilusão, em querer pensar como um homem no meio de outros homens, foram o seu calvário.

Mas eu não tomara emenda, e só uma coisa eu aprendi de concreto e de racional: dar o meu encontrãozinho...

Não me julguem nenhum

velho caquético, por amor de Deus! Nem tão-pouco uma coisa enrugada e assustada. O erro da infância acerca da minha ideia sobre o homem, sobre a sua bondade, repetiu-se muitas e muitas vezes depois da primeira desilusão, depois do primeiro encontro que me feriu profundamente a pele. Mas essa atitude passível, talvez de um estoicismo estúpido, enquanto outros recebiam e atiravam golpes de verdadeiros flibusteiros, dentro do espírito da máxima *olho por olho e dente por dente*, não podia dizer que eu havia envelhecido prematuramente. Aprendi então a desprezar muitos bichos parecidos com homens... E continuo impassível perante tal assunto. Mas já não soffro, estou ardentemente cicatrizado para sentir a mais pequenina dor perante a maldade dos homens, o seu egoísmo, o seu orgulho, a sua febre de destruição, o seu requinte maléfico e troglodita.

Não acredito na amizade entre os homens como não creio no seu espírito de justiça. Mesmo a amizade fraternal é pejada de egoísmo e sombreada de ódio. Eu só acredito numa amizade: na do pai pelo filho! Tudo o mais é para desprezar e entreter e encher a vida e o mundo de alegrias ilegítimas.

Leitor: sê tu o teu próprio amigo, e não alicerces a tua vida sobre o braço daquele que diz ser teu amigo e como tal o julgas.

J. Monteiro (Jorge)

Graças de Santa Filomena

A menina Maria Alzira Antunes da Silva, de S. Paio de Pousada, filha de Inácio Joaquim da Silva e de Aurentina da Assunção Antunes, esteve, durante 15 dias, gravemente enferma. Não falava, nem andava. Recorre com toda a confiança a Santa Filomena, juntamente com a sua família e algumas pessoas devotas, mesmo no seu lar, e ao fim da novena, sente-se completamente curada; acaba de dirigir-se à sede da Arquiconfraria, pede a sua admissão, regista-se com o n.º 3.523 — e comovida até às lágrimas, é uma apóstola fervorosa das graças e da excelsa devoção a esta gloriosa Santa a quem rende acções de graças àquela que foi, é, e será sempre a toda poderosa junto de Deus.

Também a associada Albina Rosa Fernandes de Carvalho, do lugar da visinha freguesia de Besteiros — se encontrou gravemente enferma de peito; foi aconselhada a ir para o Hospital onde deveria sujeitar-se a uma melindrosa operação, onde já tinha dia e hora marcados para a fazer. Recorre, consternada, mas com toda a fé, a Santa Filomena e a Santa escuta as suas preces, atende as suas lágrimas e ao fim de três dias já não foi preciso a operação e sente-se feliz, e de boa saúde; em reconhecimento, anda a fazer uma piedosa novena, comunga, desfaz-se em alegria, e manda increver-se na

(Continua na 3.ª pág.)

Folhetim da "Tribuna Livre", 42

SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

— É o que faço, desde que assumi a responsabilidade que me impõe o casamento.

Hoje sou um modelar chefe de família...

— Tanto não confirmo eu! — protestou, a rir, a mulher.

Exemplar chefe de família há-de ser o teu irmão, o José, pois foi sempre um rapaz sensato, ponderado...

— Os que parecem que não partem um prato são o destroço da noiva...

— Alto lá! Isso, agora, toca-me pela porta — disse, de bom humor, a Maria Teresa.

O José há-de servir de modelo aos homens casados!

E voltando-se para o noivo:

Pois não há-de, meu amor?

— Nunca te darei um desgosto, por mais leve que seja.

— E que desse!... — comentou o Francisco do Monte, piscando o olho...

— Que é que o meu pai lhe fazia?

— Condenava-o a estar um mês sem a mulher...

— Se ela consentisse na execução da sentença — redarguiu-lhe a filha, a rir.

— Se ela levantasse algum incidente, incriminava-a também...

— E condenava-a a quê?

— A estar um mês privada do marido...

— O meu pai é um juiz muito rigoroso e austero!

Pois fique sabendo que não condenará nem um nem outro — por que o meu José não lhe fará o gosto de lavar a sentença...

— E a propósito — interveio o Policarpo:

Vamos a saber: quando é que o par de pombinhos pensa unir-se e trocar as alianças?

— Se todos estiverem de acordo, eu e a Maria Teresa, pensamos casar no dia nove de Agosto.

— Eu, por mim, não faço qualquer objecção — declarou o pai do noivo.

— E eu e a minha Albertina também não desmanchamos prazeres — ajuntou o tio Francisco do Monte.

— Bem, disse a noiva, se todos estamos de acordo, está marcado o dia mais feliz da minha vida.

— E o meu — acrescentou o José, radiante de alegria e de satisfação.

— Quer dizer — interveio a mãe da Maria Teresa — que visto isso, tenho de abrir a arca do bragal para dar o enxoval à noiva.

— E o que é que me vai dar, minha mãe?

— Vou dar-te:

a) — Traços de pano de linho;

b) — Traços de pano de estopa;

c) — Lençóis de linho;

d) — Lençóis de estopa;

e) — Toalhas de mesa, com os respectivos guardanapos;

f) — Travesseiras;

g) — Fronhas;

h) — Camisas;

i) — Roupas exterior e interior;

E mais o que é costume dar às filhas nestas ocasiões.

— Bem, agora, falo eu — acrescentou o pai.

Isso é o que lhe das como mãe.

Ora sendo eu o pai, mal me ficaria se lhe não desse também alguma coisa, tanto mais que ela merece-o, pois foi sempre uma boa filha, como há-de continuar a ser, e, ao mesmo tempo, uma estremosa esposa e uma excelente dona de casa.

Ora bem! Eu dou à Maria Teresa;

a) — Cinco contos em notas novas;

b) — Três cordões de ouro;

c) — Um trancelim, do mesmo metal;

d) — Um fio com uma cruz, do mesmo metal;

e) — Dois pares de arcadas;

f) — Dois toiros para o trabalho;

g) — Uma vaca leiteira;

h) — Um carro de bois; e

i) — Uma charrua;

(Continua)

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

de irmãos foi crescendo, de modo que em pouco tempo chegou a ser a mais autorizada de Entre-Minho e Douro, pois desde logo se lhe uniram os demais sacerdotes dos concelhos que então eram Regalados, Vila-Chã, S. João de Rei, Lanhoso, Couto de Bouro e termo de Braga, conservando-se nela por muitos anos.

As Casas de Castro e da Tapada deram-lhe o calor da sua notável influência, elevando-a ao máximo esplendor.

Depois sobreveio, como em tudo que primou pelo zelo e piedade cristã, o abandono e a decadência.

Reconhecida a impossibilidade de manter-se no rigor dos primeiros regulamentos, que prescreviam a exclusão de irmãos leigos, já os tem de momento; e, por coincidência, no acto que se toma este apontamento encontra-se junto do respectivo pároco uma comissão de fervorosos paroquianos de Besteiros; decididos a dar-lhe nova vida, a estudar os planos e a solicitar que lhes seja franqueada a admissão, porquanto, só com a actividade de pouquíssimos confrades sacerdotes, torna-se cada vez mais precária a sua situação.

Esta confraria possui considerável património de valores e alfaias religiosas, como sejam a cruz privativa de 4 hastes (arquiepiscopal) e ricos paramentos de origem, sendo propósito dos pretensos confrades prover à sua melhor conservação e guarda.

Também dispõe de valioso arquivo, onde existem cadernos e livros de contas e de estatutos, manuscritos e impressos, que, neste caso como em todos, só poderia avaliar-se o crime de negligência ou má-fé no seu desaparecimento ou extravio, quando um dia por qualquer razão se pensasse em reconstruir, a rigor, a história de tão antigas instituições.

Infelizmente não se descobriram nesta freguesia quaisquer «livros de capítulos de visitas».

Existe ainda a Confraria do Senhor do Areal, com estatutos e capela própria, muito antiga e cuja invocação serve de motivo à principal festividade que anualmente se realiza na freguesia.

Também a Confraria do S.S. Sacramento, que anda com certa decadência, mas é empenho dos confrades impedir-lhe o devido rejuvenescimento.

Fôra erecta nesta igreja a Irmandade de N. Senhora do Amparo, pelo reverendo Pedro de Carvalho, que era abade da mesma, e por João Machado de Azevedo (Castro), no ano de 1655, e aqui se conservou até 1705, em que passou para a de Amares e teve capela própria que os irmãos mandaram construir e hoje é a igreja matriz, como em devido lugar se referiu.

Não é preciso encarecer a dupla vantagem destas associações paroquiais. Os que sentem sobre os ombros a responsabilidade de condução espiritual sabem melhor quanto, mesmo sob o aspecto da formação social, vai de importância em tirar delas o maior rendimento, pelo contacto dos velhos de são conselho com as veleidades da gente moça, pela garantia de futura estabilidade de princípios morais e cristãos, que o mundanismo por seus meios tanto perturba, desorienta e arrasta.

No antigo passal, junto à igreja, é tradição que existiu uma palmeira que, pela sua magestosa grandeza, mostrava contar muitos séculos, mas secou há já muitos anos, segundo se disse, por lhe cortarem a haste principal.

No sítio chamado «Lama da Quinta» havia uma nascente de excelentes águas férreas.

Teve esta igreja uma regalia que nenhuma outra do concelho possuía, e também é prova incontestável da sua muita antiguidade, talvez mesmo de aqui ter existido outrora alguma comunidade religiosa ou monástico-militar, se se atender ao antiquíssimo termo por que se designa a freguesia — *balestarius*.

E consistia em receber foros e pensões em Santa Maria de Ferreiros, S. Salvador de Amares, S. Pedro de Figueiredo e S. Salvador de Dornelas.

P. Leal traz a seguinte notícia (1873):

«A Igreja matriz é muito antiga, mas está muito decente. Foi reedificada no ano de 1747, sendo abade Diogo da Costa. Sendo, porém, antiquíssimo o retábulo da capela-mór, provavelmente o da primitiva igreja, e achando-se por isso em completo estado de ruína, procedeu-se no ano de 1862 à colocação de novo retábulo, e encontrou-se por essa ocasião no altar-mór, que era todo de pedra, uma pequena pia da mesma matéria, contendo uma caixa de metal e dentro dela várias relíquias, com um pergaminho, muito gasto do tempo, escrito pelo abade (o licenciado Pedro de Carvalhais) do qual constava o seguinte:

(Continua no próximo número)

Tribuna de VILA VERDE

Obras em perspectiva

(Continuação da 1.ª página)

as quais, o progresso não se verifica. Em Portugal houve em tal aspecto um considerável avanço a partir da data em que foi adoptado o sistema de estradas da autoria do engenheiro escocês João Mac-Adam, ou seja, o sistema chamado *macadame*, ainda hoje vulgarizado, quer em estradas quer mesmo em ruas. A data referida pode deixar-se em 1852 e, vinte e oito anos mais tarde, estavam já construídos 7.451 quilómetros de novas estradas do citado tipo. Nos anos seguintes manteve-se mais ou menos o mesmo ritmo de construções, até que se chegou a um ponto de estagnação.

Depois de 1926, quero dizer, em a actual situação, registou-se o extraordinário impulso bem conhecido de todo o País, no qual teve grande participação o falecido Ministro Engenheiro Duarte Pacheco. Apesar desse prodigioso avanço, já quanto a novas construções, já quanto a reconstruções, que também se fez sentir no concelho de Vila Verde, a estrada das Neves não chegou a ser concluída. Pensa-se agora na ponte sobre o Rio Homem e, se a obra for uma realidade, resultarão vultosos benefícios que, por evidentes, não é preciso referir. Sem falar já no que a iniciativa privada, se a houver, poderá conseguir

no aspecto económico e, vá lá, até turístico, o encurtamento da distância entre Vila Verde e Amares reflectir-se-á larga e vantajosamente sobre as respectivas populações.

As obras projectadas quanto à rede eléctrica também se revestem de grande significado. Há lugares da freguesia de Vila Verde que não dispõem ainda de energia eléctrica. Para mim, tenho que a mais premente necessidade de Vila Verde ainda é o novo hospital: mas como a sua construção — e ulterior funcionamento — exige verbas que se não arranjam de um dia para o outro, que ao menos as obras constantes do plano possam realizar-se.

As receitas municipais são insuficientes e o concelho é muito vasto, milagres ninguém os faz e o elucidativo relatório do Senhor Presidente da Câmara não deixa dúvidas a ninguém sobre as dificuldades de acorrer a tudo o que é preciso: no entanto, se for possível dar execução a algumas das obras previstas para a sede do concelho, todos nos podemos considerar satisfeitos. Oxalá a boa vontade dos homens não se veja impotente perante os obstáculos materiais — que o mesmo é dizer, de ordem financeira.

M. da Cunha

Subscrição a favor dos Bombeiros V. de Vila Verde

Lemos em o jornal «O Vila-verdense» uma notícia que reza assim:

Continua a campanha a favor da subscrição para a aquisição do pronto-socorro e da ambulância para os Bombeiros Voluntários de Vila Verde.

Do concelho, de diversas partes do país e do estrangeiro, os vilaverdenses têm remetido os seus donativos, porém ainda falta muito dinheiro para atingir os 200 contos indispensáveis.

E' preciso que todos os vilaverdenses não deixem de acorrer à chamada. Os nomes dos Benfeitores serão inscritos num livro de ouro.

Como acima dizemos, lemos e gostamos; e já não é a primeira vez que aqui em Tribuna de Vila Verde, temos lançado o nosso apêlo e incitamento a todos os vilaverdenses para que ajudem a nobre corporação dos Bombeiros Voluntários, porque também somos vilaverdense 100% e desejamos que a nossa terra progrida e porque também somos amigos dos Bombeiros, enfim, somos amigos de tudo

que seja bom e somos inimigos irredutíveis de tudo o que seja mau. Somos inimigos das más atitudes; somos inimigos das pessoas que revelam ódio seja a que título for, mesmo que tenham razão e sejam ofendidas, nós seguimos este lema: As coisas que nos não prestam, põ-mo-las de parte; mas de, põ-las de parte até as odiarmos, vai uma grande distância.

Isto vem a propósito de, no apêlo atrás citado, dizer-se: «E' necessário que todos os vilaverdenses não deixem de ocorrer à chamada. Os nomes dos benfeitores serão inscritos num livro de ouro».

Pois bem, nós também desejávamos ser inscritos no livro de ouro, mas vimos gorada a nossa participação não obstante termos deixado à nossa família para, no caso de não estarmos presentes e a comissão de angariamento viesse a nossa casa, contribuir-mos com o nosso donativo.

Mas tal não aconteceu. A comissão entrou no estabelecimento instalado nos fundos do nosso prédio, mas não bateram à porta do 1.º andar, onde vivemos.

Não está certo que em nome duma instituição pública se façam recolhas e se criem partidos, mas os actos ficam com quem os praticam.

D.

QUANTO CUSTA FAZER UMA OBRA

(Continuação da 1.ª página)

conhece. Começa aqui o interesse da nossa descrição para que cada um veja como se explica o tempo e como é preciso ser-se tenaz para chegar ao que de antemão parece breve.

Para ilucidação de quem ao fim só vê as coisas feitas sem saber das dificuldades vencidas, escolhemos este assunto.

Entretanto, esperamos que as leis, as coisas e as homens, nos darão que escrever neste caso, como aliás em todos, pois a burocracia não prescinde das suas voltas, mas que o tempo não seja bastante dado o carinho com que o sr. Presidente do Município encarou o assunto.

É consolador saber-se que o sr. Presidente sempre que pode recomenda o assunto e busca a melhor solução e que tudo fará para que não surjam entraves. Mesmo assim o leitor verá quanto custa fazer uma obra.

Confraria de Nossa Senhora do Pilar

SERAMIL

Esta Confraria que tem um título de renda do Estado, coisa única do Concelho e portanto com alguma base de progresso, vai fazer do seu velho edifício em ruínas uma obra para a Sede, que já foi entregue ao empreiteiro, merecendo por isso a Mesa da Confraria actual louvores pela iniciativa, muito necessária na freguesia e ao progresso e fins desta antiga Irmandade.

TIPOGRAFIA



Tel. 62113

AMARES

PAPELARIA

ENCADERNAÇÃO

DE

LIVROS
REVISTAS
DIÁRIOS DO GOVERNO

E

TODA A

ESPÉCIE

DE

ENCADERNAÇÕES

DE

LUXO

OU

CORRENTES